

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa | Na Companhia de William Greaves
23 e 31 de Outubro de 2025

BLACK JOURNAL: EPISODE 9 / 1968

Realização e Produção: William Greaves / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 58 minutos.

BLACK JOURNAL: EPISODE 18 / 1968

Realização e Produção: William Greaves / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 59 minutos.

Dois episódios de uma série de televisão concebida por William Greaves

A nota publicada no jornal mensal da programação não podia ser mais detalhada na explicação do essencial dos objectos que vamos ver. Reproduzimo-la, em itálico: *Magazine estreado em junho de 1968 na National Educational Television, **Black Journal** entrou com o pé esquerdo, por se apresentar como um programa para o público afro-americano mas ser dirigido por brancos. Só começou a exercer um impacto decisivo na opinião pública, em particular nos espectadores afro-americanos, a partir do momento em que, ao quarto episódio, William Greaves, já a trabalhar como produtor assistente no programa, foi convidado a apresentar e produzir cada episódio. Fê-lo brilhantemente de 1968 a 1970, em mais de 30 episódios que versaram sobre assuntos tão importantes como o soldado negro ao serviço no Vietname, os movimentos de libertação em Moçambique, os Black Panthers, e entrevistando nomes maiores do meio político e artístico afro-americano. O programa, que valeu a Greaves um Emmy atribuído pela excelência da sua programação de interesse público, aparece representado nesta sessão nos seus episódios 9 e 18: o primeiro, entre outros assuntos, inclui um documentário sobre a influência de Malcolm X aquando do quarto aniversário da sua morte, com participação de Betty Shabazz, a viúva do líder barbaramente assassinado; o segundo, entre outros tópicos, aborda a atividade da Malcolm X University in Durham, na Carolina do Norte (que operaria apenas durante três anos), mas sobretudo dedica um segmento inteiro ao atleta negro, com ênfase para um episódio ocorrido na Universidade de Wyoming, em que 14 jogadores de futebol americano foram suspensos após tentarem um protesto contra as visões religiosas e raciais da equipa rival, a Brigham Young University. “Através da sua tutela, **Black Journal** tornou-se numa nova manifestação de visões globais e sonhos do povo afro-americano”, escreveu Celeste Day Moore num ensaio publicado no livro William Greaves: Filmmaking as Mission.*

São programas de televisão, portanto, mas de uma televisão que já não é bem deste mundo em que estamos, antes de uma galáxia far far away. Está antes do estereótipo e

da formatação total, mesmo se integra alguns rituais – os apresentadores em estúdio dirigindo-se directamente ao espectador, por exemplo – caros ao *médium*. Mas o que conta depois, mais do que a carga política, sempre entre a pedagogia informativa e uma componente mais aguerrida (um “activismo” ou uma “militância”, chamemos-lhe), como se vê por exemplo muito bem nos longos segmentos alusivos a Malcolm X, é a montagem extremamente dinâmica, que aqui não é, como na maioria da televisão de agora, uma “montagem das distrações”, mas justamente o seu contrário, uma vontade de escavar, de aprofundar, de não deixar os assuntos a esvoaçarem na vagueza magazinesca que é típica da TV. Isso, e um lado permanentemente celebratória da cultura negra ou afro-americana como se se lhe preferir: a música, claro, sempre presente, James Brown, Smokey Robinson, ou até, de forma relativamente inesperada, Tom Wilson, produtor musical negro que esteve nas consolas de gravação de alguns dos mais fundamentais discos da música “branca” americana dos anos 60, de Bob Dylan e Simon & Garfunkel a Franz Zappa e aos Velvet Underground.

L.M.O.